
A ESCRITA FEMININA NA LITERATURA DE CORDEL: ROMPENDO BARREIRAS

Margarida da Silveira Corsi¹
Rafael Zeferino de Souza²

Resumo: Este artigo apresenta pesquisa de cunho bibliográfico acerca de mulheres cordelistas. O trabalho retoma a história do cordel brasileiro e a presença/ausência das mulheres na história das produções de folhetos. Com o objetivo de resgatar o lugar da escrita feminina no cordel, destacamos alguns nomes de mulheres cordelistas não citados pela história nem pela crítica durante muitas décadas. E apresentamos alguns exemplos de folhetos escritos por poetisas contemporâneas. Para tanto, buscamos nos amparar em autores como Zumthor (2018), Santos (2009), Silva (2009), Queiroz (2006), Luyten (1992), Bergson (1999), Luna e Silva (2010), Cascudo (1984), entre outros. Os resultados das leituras bibliográficas e das análises de folhetos de Dalinha Catunda, Ivonete Morais, Anne Karolynne Santos de Negreiros e Érica Montenegro mostram que as mulheres participaram de grande parte dos momentos da história do cordel brasileiro e que apresentam uma vivência de escrita com peculiar sensibilidade, tratando de temas relativos à vida cotidiana, à história, à cultura popular, às lutas sociais e históricas, entre outros.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Escrita feminina. Mulheres cordelistas.

Introdução – cordel – uma história em curso

As mulheres contam histórias desde os primórdios. Ao amamentar seus filhos plantam, no pequeno recém-nascido, a semente do desejo de ouvir a voz que traz conhecimentos, vivências, medos e prazeres. De modo semelhante, as avós contam aos netos aquilo que viveram e que ouviram de seus antepassados, transmitindo histórias, vivências e tradições através de canções e histórias de ninar.

Foi no imaginário popular que também surgiram as primeiras histórias narradas pela voz de contadores e transmitidas de geração em geração até um dia serem recolhidas por alguém, passando a ser transmitidas de forma impressa, possibilitando o contexto da leitura silenciosa. A partir daí, “[...]”

¹ Margarida da Silveira Corsi é graduada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (1996), mestra em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). É professora ASSOCIADA C e faz parte do quadro permanente da Universidade Estadual de Maringá. Com Pós-doutorado intitulado *La dame aux Camélias: romance, drama, ópera, filme, cordel: releituras comparadas do perfil de uma cortesã*, na UNIOESTE/Cascavel, em parceria com a Université Lyon 2. <https://orcid.org/0000-0002-5216-8660>. E-mail: mscorsi@uem.br

² Rafael Zeferino de Souza é Graduado em Letras – Português/Inglês, pela Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão; Mestre em Letras – Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Doutorando em Letras – Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor da Educação Especial na Secretaria Municipal da Educação de Campo Mourão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8785591126389204>; orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6625-7691> E-mail: rafaelzeff@gmail.com

o narrador passa a ser essa voz que, representada na brancura da página, aspira a concretude na interação com o leitor” (PORTELA, 2009, p.748). Entretanto, este narrador carrega, frequentemente, traços da enunciação oral, assegurando elementos da performance de vozes ancestrais.

De acordo com Zumthor (2018), a narração de uma história comporta muito mais que aspectos verbais. A enunciação oral associa-se à voz, à entonação, aos gestos, às pausas, às expressões faciais, aos movimentos do corpo de quem narra, os quais chegam a quem ouve como elementos da trama, contribuindo para a significação do texto narrado ou cantado. Tudo isso está implicado na performance da narração, “[...] único modo vivo de comunicação poética” (ZUMTHOR, 2018, p.33), que nos permite experimentar a vida enquanto contamos ou ouvimos uma história. Aspectos muito visíveis na história da literatura de cordel, que transmitiu histórias por meio de narrativas contadas oralmente de geração em geração até passarem a ser impressas e vendidas em forma de folhetos.

Luyten afirma que “[...] o ritmo das frases, as partes finais ou iniciais semelhantes facilitam tremendamente a memorização” (LUYTEN, 1992, p.08). A memorização depende de muitos aspectos da narração. A escolha das palavras, a musicalidade e a concisão dos elementos contribuem para que o narrador/contador guarde e transmita as lições e os encantamentos das narrativas.

De acordo com Celso Sisto Silva (2009, p. 245), para tratar da história da literatura brasileira, “o texto oral tecido na trama das relações humanas não pode deixar de ser levado em conta.” Assim, também as origens da literatura de cordel no Brasil estão ligadas à colonização/invasão portuguesa e à tradição oral europeia. Os portugueses que aqui chegaram no século XVI, com as caravelas, contavam histórias em versos e transmitiam, oralmente, lendas e fatos heroicos, ouvidos de seus ancestrais. É o que asseveram Santos e Marinho: “Os primeiros folhetos de cordel chegaram ao Brasil pelas caravelas dos portugueses, nas quais trouxeram congeladas em suas memórias o cantador medieval que aqui se reproduziu no repentista nordestino.” (SANTOS; MARINHO, 2011, p. 07). Essa tradição oral, de se contar e se ouvir histórias, foi por muito tempo a maneira de se reunir as pessoas e de se ter um pouco de diversão e até hoje permanece viva no nordeste do Brasil. O cordelista Evaristo Geraldo afirma lembrar-se de que, quando criança, na pequena cidade de Quixadá, no interior do Ceará, “para não dormir cedo se lia cordel, se contava histórias de Trancoso, se ouviam cantadores repentistas [...].” (GERALDO, entrevista concedida a CORSI, em janeiro de 2018).

De acordo com Cascudo (1984, p. 24), a “reimpressão dos antigos livrinhos, vindos de Espanha ou de Portugal e que são convergentes de motivos literários dos séculos XIII, XIV, XV, XVI” são uma fonte da literatura popular, a qual pode ser relacionada às origens dos folhetos de cordel e que, posteriormente, seria adaptada aos romances de cordel.

Muitas dessas histórias vêm da tradição medieval. Elas chegaram à Península Ibérica através do Romanceiro popular. São exemplos de histórias recontadas a partir do Romanceiro: *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*, *História da Princesa Magalona*, *História da*

Imperatriz Porcina, História do grande Roberto do Diabo ou Roberto de Deus, História de João de Calais. Comprovando que no mundo cordelizado, assim como na literatura clássica, “escrever é pois re-escrever... Repousar nos fundamentos existentes e contribuir para uma criação continuada.” (SAMOYVAULT, 2008, p. 77).

Característica proveniente do romanceiro popular é a forma versificada em sextilhas, também assumida por muitos autores de romance de cordel. Tavares afirma que “o Nordeste brasileiro não apenas passou adiante os romances em versos trazidos de Portugal, mas lhe deu um formato próprio, criou novos temas, personagens [...] novas formas de estrofes, novas maneiras de organizar as rimas” (TAVARES, 2005, p. 100), passando da quadra à sextilha, à septilha e à décima: estrofes típicas do romance de cordel nordestino/brasileiro. Exemplo dessa evolução é *A incrível história da imperatriz Porcina*, de Evaristo Geraldo, publicada em 166 sextilhas, de versos heptassílabos e uma décima. Esta versão atual da história da protagonista de *Le miracle de chaste impératrice* saiu em forma de livreto, em Fortaleza, em março de 2004 e em formato de livro, pela Imeph, em 2006. Antes desta, há as versões de Francisco das Chagas Batista, Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde.

Ainda com relação à história do cordel brasileiro, devemos lembrar que a passagem da oralidade para a escrita teve seu início no século XIX. Muitos pesquisadores consideram Leandro Gomes de Barros o pai do cordel, em razão de Leandro “imprimir regularmente folhetos”, desde 1893 (LUNA; SILVA, 2010, p. 74), e Silvino Pirauá de Lima o primeiro a substituir a quadra pela sextilha e a publicar o primeiro romance de cordel, *História do capitão do Navio*.

Já no início do século XX, João Martins de Athayde compôs e editou muitas histórias. Comprou “uma pequena impressora, uma guilhotina para cortar o papel dos folhetos” (MAIOR, 2001, p. 12) e adquiriu os direitos autorais de Leandro Gomes de Barros, tornando-se um dos maiores divulgadores da arte de cordelizar. É o que testemunham os versos de Minervino Francisco da Silva, em *Vida, profissão e morte de João Martins de Athayde*:

Leandro Gomes de Barros
Um trovador de Cartaz
Viajou pra eternidade
Para voltar nunca mais,
João comprou da viúva
Seus direitos autorais. (apud: MAIOR, 2001, p. 14).

Durante o século XX, o cordel, entre altos e baixos, viveu momentos de glória com Leandro e Athayde e de quase esquecimento na década de oitenta. A editora Prelúdio, que se tornaria Luzeiro no final do século XX, foi uma sobrevivente e até hoje publica folhetos de cordel. A partir de 1990, novas gerações de grandes cordelistas foram surgindo e ganhando força no meio literário. Neste

momento, com a ampliação da mídia, já é mais fácil encontrar as produções de mulheres cordelistas, pois, até então, elas não apareciam nos trabalhos e pesquisas que divulgavam a arte de cordelizar.

Nas narrativas poéticas predominam a métrica, a rima, a oração, a ilustração, linguagem e temática típicas do cordel. As obras, em folhetos ou livros diagramados por editoras, são, frequentemente, ilustradas por xilogravura, ou utilizam uma técnica que simula o efeito de contraste das capas monocromáticas feitas com tradicionais tacos de gravadores. Com exceção das pelejas, de modo geral, as obras podem ser compostas em quadras, sextilhas, setilhas ou décimas, sempre em redondilha maior e rimas soantes. A métrica, de acordo com Haurélio (2013, p.111) diz respeito à verossimilhança e à fluência, ou seja, “é aquilo que dá sentido ao texto”.

Stélio Toquato afirma que a definição mais enxuta para a literatura de cordel é “narrativa popular em versos” (Entrevista a CORSI, em agosto de 2018). O poeta ainda acrescenta que, para escrever um cordel, é preciso estar imbuído da mentalidade popular e conhecer as características do texto poético, “optando por uma das quatro estrofes: ou uma quadra; ou uma sextilha; ou uma setilha; ou uma décima”, nas quais, “predominantemente, usa-se o setissílabo, que tem sua razão de ser, porque ele é muito próximo da fala simples, das frases curtas do sertanejo”. Stélio ainda enfatiza o uso da rima soante e da predominância de um mesmo tipo de estrofe, do início ao fim do cordel. Lembra-nos também que o cordel está inserido no rol dos gêneros da literatura exemplar, por isso, os temas e as personagens estão envolvidos em tramas que caracterizam as últimas de forma maniqueísta. Os personagens dos romances de cordel, por exemplo, são vilões ou heróis; opressores ou oprimidos, sendo os bons premiados e os maus punidos no desfecho.

De origem oral, a literatura de cordel se popularizou através de folhetos 11 x 15, mas pode ser encontrada impressa em livros ou em folhetos; pode estar em formato de áudio ou de audiovisual; pode estar em sites, blogs, páginas da web, redes sociais, entre outros. A expansão do veículo em que a obra se encontra não altera sua materialidade caracterizada por versos, rimas, métrica e temas provenientes da tradição oral, da vivência do sertanejo, da adaptação de clássicos literários, entre outros. Em todos esses formatos, as mulheres cordelistas apresentam obras de temáticas e estéticas relevantes para a composição das antologias da literatura de cordel. Entretanto, a história não mostra esta representatividade. De acordo com Oliveira (2009, p.78), a exclusão da mulher do mundo cordelizado se deu também em razão de uma ideologia que impedia a inclusão da mulher nos estudos críticos; “elas se deparavam com as ideologias criadas por aqueles estudiosos que propagavam que suas produções não seriam legítimas por serem ‘antes alfabetizadas’” e acrescenta que “isso ocorre porque, de fato, as mulheres só passaram a publicar seus folhetos a partir tanto de sua inserção no mercado de trabalho como a partir do momento em que tiveram acesso aos códigos da escrita”. Pesquisas deste gênero cometiam um duplo equívoco.

É considerando a importância de dar voz à mulher como sujeito antes silenciado por discursos hegemônicos que apresentamos este trabalho sobre a voz e a imagem da mulher na literatura de cordel brasileira, por meio da leitura de obras de algumas autoras contemporâneas. Apresentamos a seguir alguns dados da escrita feminina na história do cordel.

1 Mulheres cordelistas renegadas pela história do cordel

Como podemos constatar acima, a história do cordel brasileiro foi por bastante tempo hegemonia da escrita masculina. Os versos do poema de cordel *Mulher também faz cordel*, de Salete Maria, testemunham bem este aspecto da história da literatura de cordel:

O folheto de cordel
Que o povo tanto aprecia
Do singelo menestrel
À mais nobre academia
Do macho foi monopólio
Do europeu foi espólio
Do nordestino alforria
[...]

A mulher não se atrevia
Nesse campo transitar
Por isso não produzia
Vivia para seu lar
Era o homem maior
Vivia ele, afinal
Para o mundo desbravar
[...]

Nas cantigas de ninar
Na contação de história
Tava a negra a rezar
A velha e sua memória
Porém disso não passava
Nada ela registrava
Pra sua fama e glória. (SALETE MARIA, 2005)³

Foi somente em 1938 que uma mulher escreveu e publicou o primeiro folheto de cordel intitulado *O Violino do diabo ou O valor da honestidade*. Maria das Neves Batista Pimentel (1913-1994) era filha de Francisco das Chagas Batista (poeta cordelista, editor e livreiro, nascido na Serra do Teixeira), era neta de cantador Hugolino Nunes da Costa, irmã de dois poetas populares e de um folclorista. Filha de livreiro, Maria das Neves tinha acesso livre aos clássicos e aos versos populares, talvez por isso tenha escolhido versar obras clássicas como *O Corcunda de Notre-Dame*, de Victor Hugo,

³ <http://cordelirando.blogspot.com/2008/08/mulher-tambm-faz-cordel.html>

Manon Lescault, de Abade Prévost, e *O Violino do diabo*, de Peres Escrich. A escolha de publicar suas obras em nome de seu marido Altino de Alencar Pimentel (Altino Alagoano) foi consciente, segundo a filha Alzinete Alencar Pimentel: “Os três folhetos foram publicados com pseudônimo de Altino Alagoano, na época não havia mulheres no cordel” (CASTRO, 2020, p. 04). Com o pseudônimo do marido, os folhetos de Maria das Neves foram editados e tiveram enorme sucesso. Somente na velhice pode ver seu nome reconhecido na autoria de seus folhetos, como na tese intitulada *Uma voz feminina no mundo do folheto* (1993), de Maristela Barbosa de Mendonça.

O contexto da publicação de seus folhetos foi marcado por uma sociedade patriarcal, que destinava à mulher o mundo restrito do lar. Além disso, devemos lembrar que a poesia popular era vivenciada por todos, mas cantada e assinada exclusivamente por poetas homens. Antes de Maria das Neves, sabemos, por Luyten (1986), que, no tempo da Independência, existiu uma cantadora chamada Maria do Riachão. Outra cantadora do século XIX que se tem notícia é Rita Medêro. Acerca desta, Leonardo Motta registra os versos de Anselmo Vieira:

Sá Rita Medêro
 É muié de calaça,
 Só não caso com ela
 Devido à cachaça;
 Ela pega queda de corpo,
 Derruba touro de raça...
 Pelo batido da pedra
 Eu pego pela fumaça,
 Gosto de festa e batuque,
 Sou cabôco de relaxo,
 E quem cuidá que sou fême
 Se engana porque eu sou macho... (apud. QUEIROZ, 2006, p. 55)

Apesar de terem precedido a publicação dos folhetos de Das Neves, Medêro e Riachão não figuram como as primeiras mulheres cordelistas, pois não há notícias de publicações de folhetos de sua autoria. Após a publicação dos folhetos de Das Neves, no final da década de 1930, com o pseudônimo de seu marido, temos notícia também da participação de Maria José Athayde, filha do poeta João Martins de Athayde, na composição de capas e até na composição de versos, no auge das produções do pai. De acordo com a pesquisadora Francisca Pereira dos Santos⁴ (2009, p.167), a segunda esposa de Athayde, em entrevista a Roberto Benjamim, afirma que o folheto *O Balão do destino e uma noite de amor*, assinado por João Martins de Athayde, foi escrito por Maria José. Ainda acerca de poetisas negligenciadas pela história, a pesquisadora fala dos folhetos de dona Maria Arnaldina de Alencar, publicados pela revista *Itaytera*, no Crato, em 1959; de Josefa Maria dos Anjos,

⁴ As informações trazidas por Francisca Pereira dos Santos (2009) foram encontradas no arquivo Fonds Cantel, na Université de Poitiers.

que publicou, em 1969, o folheto *Ontem e hoje no sertão*; de Clotilde Tavares, que escreveu vários folhetos, em Natal/RN, na década de 1970. Francisca Pereira dos Santos apresenta ainda os seguintes nomes de poetisas encontrados no acervo de Poitiers:

No Fonds Cantel há uma série de folhetos que datam de 1975, escritos e publicados por mulheres, como de Zaira Dantas, Maria José de Oliveira, Ana Maria Pádua, Adélia Carvalho de Oliveira, Maria Augusta, Marinês A. da Silva, Maria de Lourdes Almeida e Maria do Carmo Cristóvam” (OLIVEIRA, 2009, p.172).

De acordo com a pesquisadora Doralice Alves de Queiroz (2006, p.59), a cordelista baiana Vicência Macedo Maia, em 1972, publicou o folheto *ABC da Umbanda*; a alagoana Maria José de Oliveira publicou, em 1977, o folheto *Ou sou ou deixo de ser*; em 1980, a sergipana Josefa Maria dos Anjos, publicou o folheto *Briga di ponta di rua*; a cearense, residente em Natal, Josenira Fraga publicou, em 1980, *A ilusão de ser doutor*; em 1982, a pernambucana Yonne Rabelo publicou *Lampião – vagalume do sertão*; a baiana Maria Arlinda dos Santos publicou *A história de Zé Fubua*; e Esmeralda Batista, irmã do poeta Abraão Batista, publicou o folheto *O ser de não ser e a verdade*, em 1984.

Ainda desse período, é possível citar as poetisas cearenses Nair Silva (Juazeiro do Norte), Mundinha Torquato, Aparecida Nunes (Fátima), Dulcinéia de Oliveira, Maria Soledad Leite, Lúcia Maria da Silva, Zizi Galvão. Outro nome relevante da produção em versos, citado por Queiroz (2006), é a paraibana Maria de Lourdes Nunes Ramalho, ou Lourdes Ramalho, bisneta de Hugolino Nunes da Costa, que teve intensa produção teatral em versos, onde retoma as fórmulas da tradição do cordel e da cantoria.

De acordo com a pesquisadora Francisca Pereira dos Santos (2009, p.106), “as mulheres começam a publicar a partir da década de setenta e tornam-se a maior novidade nessa área”. Fato que se intensificou quando se deu o movimento de resgate do cordel, ocorrido a partir da criação de agremiações de poetas e cantadores.

Diferente das gerações anteriores, em que à mulher era cerceado o direito de escrever e publicar folhetos de cordel (e, quando isso ocorria, elas eram obrigadas a usar pseudônimos masculinos), a partir da década de noventa, elas começaram a aparecer entre os grandes autores de cordel: “nesse contexto em que surgem novos autores e em que o cordel se abre para outros territórios, expressa-se a produção de autoria feminina.” (OLIVEIRA, 2009, p.106).

De acordo com Queiroz (2006), nos dias atuais, existem muitas mulheres cordelistas em atividade. Durante sua pesquisa de mestrado, a autora da dissertação *MULHERES CORDELISTAS Percepções do universo feminino na Literatura de Cordel*, seleciona um *corpus* de setenta poetisas de cordel, das quais 29 estão no Ceará, 13 na Paraíba, 7 no Rio de Janeiro, 6 na Bahia, 5 no Rio Grande do Norte, 3 em São Paulo. Em Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Goiás, Minas Gerais, a pesquisadora listou

apenas uma cordelista em atividade em cada estado, mas sabemos que existem mais mulheres cordelistas em todas as regiões citadas.

São nomes de destaque e ainda em atividade na produção de cordéis: Josenir Lacerda, Ivonete Morais, Doutora Paola, Maria Ilza Bezerra, Dalinha Catunda, Salete Maria, Sebastiana Gomes de Almeida (Bastinha), Josenir Amorim, Jarid Arraes, Julie Oliveira, Anilda Figueiredo, Francisca Oliveira (Mana); Francisca Pereira dos Santos (Fanka), Rivaneide, Edianne, Maria dos Santos, Madalena de Souza, Luiza Campos, Sílvia Matos, Camila Alenquer, Célia Castro, Hélvia Callou, Maria de Fátima Coutinho, Maria Julita Nunes, Maria Piedade Correa, Maria Godelivie, Madu Costa, Cleusa Santo, Ivonete Morais, Rosa Regis, Nilza Dias, Daniela Almeida⁵, Daniela Bento. Entre outras, estas autoras estão entre os grandes nomes que dão continuidade à arte de cordelizar. Suas histórias trazem aventuras, amor, emoção, humor, mas também versam sobre coisas do sertão e retomam temas que ressignificam fatos importantes da nossa história, como *Heroínas negras brasileiras*, de Jarid Arraes, e *Zumbi dos Palmares*, de Madu Costa; ou *Mulheres empoderadas* e *Mulher-expressão de lutas e conquistas*, ambos de Ivonete Morais.

2 Algumas mulheres em foco – herdeiras de Maria

Maria de Lourdes Aragão Catunda, conhecida como Dalinha Catunda, nasceu em Ipueiras - Ceará. Ocupa a cadeira 25 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC, que tem como patrono o poeta e folclorista cearense Juvenal Galeno; é membro correspondente da Academia Ipuense de Letras, Ciência e Artes – AILCA; sócia benemérita da Academia dos Cordelistas do Crato – ACC; e sócia benemérita da Sociedade dos Poetas de Barbalha.

Dalinha Catunda começou a publicar em meados de 2005 e vem ganhando destaque em seus cordéis pela grande publicação nas redes sociais. A autora apresenta um grande domínio pela escrita e sua preferência é por setilha, ou seja, estrofes com 7 versos. A escritora discorre sobre variados assuntos, que são recorrentes em obras de autoria feminina, por se tratar de temáticas do contexto atual do mundo contemporâneo, que visam discutir, informar e problematizar as lutas femininas, agressão contra mulher, machismo, valores patriarcais, religião, além de outros temas.

O cordel *As herdeiras de Maria* faz um questionamento aos valores patriarcais, em defesa da posição e lugar da mulher como escritora. Retrata sobre a primeira mulher cordelista, Maria das Neves Batista Pimentel, que, em 1938, publicou o cordel *O violino do diabo ou o valor da honestidade*. Mas como nesse período a mulher não tinha o direito de escrita, devido aos valores patriarcais e preconceituosos, o cordel foi publicado com um pseudônimo Altino Alagoano.

⁵ <https://www.danialmeida.com/blog/cordelaria/>

Começa assim a história
Do folheto feminino:
A mulher com sua manha,
Território o nordestino,
Com o patriarcado vil,
Montou-se então um ardil,
Pra traçar nosso destino.

Lá pra mil e novecentos,
E trinta e oito asseguro,
Foi que a mulher editou,
E plantou para o futuro,
O folheto feminino,
Com o nome masculino,
Que hoje é que emolduro. (CATUNDA, 2017, p. 1)

Nessa parte, observamos o modo com a autora conduz com os termos utilizados para representar a primeira cordelista brasileira. Catunda utiliza do adjetivo “vil” para se referir ao período patriarcal, o que impediu Pimentel de publicar em seu nome. Mas nos mostra a habilidade da escritora em conseguir driblar o patriarcado com “A mulher com sua manha”. E com essa linguagem simples, cheia de musicalidade, vai descrevendo sobre Pimentel:

Maria chega ao cordel
E com personalidade.
Letrada, bem preparada,
Replena de habilidade.

Disfarçada ocupa espaço,
Dando seu primeiro passo,
Rumo à nova atividade.
[...]
Só depois de muito tempo
A mulher entra em ação.
Tira o verso da gaveta
Mostra a sua produção.
Assumindo o seu lugar,
Na cultura popular,
Cumprindo sua missão. (CATUNDA, 2017, p. 4-5)

Dalinha Catunda apresenta a trajetória da escritora e também exalta-a, caracterizando-a com o verso “letrada, bem preparada”. Da mesma forma, Catunda faz referência às escritoras cordelistas após Pimentel, com o título do folheto *As herdeiras de Maria*, retratando que todas as cordelistas estão preparadas e são guerreiras por lutarem e terem o direito da escrita de folhetos. Como sabemos, era dos homens esse lugar e era deles o direito de falar em nome delas, representando-as como personagem de acordo com o ponto de vista masculino e patriarcal.

Aborda qualquer temática

Verseja com qualidade.
 Se for para glosar, glosa!
 Com muita propriedade.
 Faz peleja virtual,
 Seu nome é atual,
 Essa é a realidade.
 [...]

Somos muitas escrevendo
 Algumas com maestria.
 Nosso cordel feminino,
 É canto que contagia.
 Abram alas pras guerreiras,
 Somos poetras herdeiras,
 As herdeiras de Maria! (CATUNDA, 2017, p. 8).

A produção literária pode ser considerada como uma forma de representação social e histórica, retrata relatos que contemplam uma determinada época. Implica fatos estéticos e históricos que realçam as experiências humanas, seus hábitos, atitudes, sentimentos, pensamentos, expectativas, entre outros. Historicamente, não tínhamos acesso a obras literárias escritas por mulheres, a inserção delas no mundo das letras é recente. A crítica literária feminista tem contribuído para que a literatura de autoria feminina seja conhecida e reconhecida.

A cordelista Anne Karolynne Santos de Negreiros⁶, natural de Campina Grande, faz um grande trabalho de divulgação dos seus cordéis nas redes sociais, principalmente por trazer cordéis informativos na área da educação em saúde. Começou na poesia aos sete anos, tem cordéis ilustrados publicados pelo Ministério da Cultura. Com o desenvolvimento do projeto “Cordel Personalizado”, já escreveu mais de cem biografias rimadas nos versos da literatura de cordel.

Seus cordéis apresentam uma estrutura variada, que contém 4, 6, 7 ou 10 versos, com uma gama de temáticas, das quais se destacam: saúde, doenças, religião, cultura nordestina, biográficas, cordel, maternidade, animais, infância e amizade.

No seu cordel *O bordado*, o eu lírico, de forma memorialista e saudosa, remete à mãe bordando na sua infância. Henri Bergson (1999), estudioso sobre a memória, comunga de que o corpo cria uma reserva das memórias e que elas residem o espírito e o corpo nunca consegue acessá-las de forma completa, mas sim, de forma fragmentada. Por fim, a memória é como caracterização da força espiritual, ela se constrói com referências e lembranças. Isso se entende com um fenômeno individual ou coletivo e é constituída de elementos tais como: pessoas, coisas, lugares, fatos.

O que temos no cordel de Karolynne (1999, p. 155) é uma lembrança recuperada de um determinado momento da história da infância, que se encontrava “presa ao passado por suas raízes profundas”.

⁶ Para maiores informações sobre os trabalhos de Anne Karolynne, é possível acessar seu Blog. <http://cordelando389.blogspot.com/>

Faz tempo que aconteceu
 A história deste cordel
 Eu era uma menininha
 Toda doce feito mel
 Teve um caso que eu vivi
 E a lição que eu aprendi
 Quis passar para o papel.
 [...]
 Eu sentava perto dela
 E, com curiosidade,
 Indagava o que fazia
 Com muita sagacidade
 Mãe dizia: - “Estou bordando
 Linha por linha passando
 Com calma e simplicidade”. (KAROLYNNE, 2012, p. 1)

O eu lírico escolhe materializar essa passagem da infância em forma de poesia. Detalha que o evento acontecido vem da infância, na época em que a menina era meiga, inocente, com um pensamento puro, como descreve no verso “toda doce feito mel”. Essa temática da maternidade, dos ensinamentos serem passados de mãe para filha é comum nas obras de autoria feminina.

A exaltação do trabalho manual, que é comum na cultura nordestina, sempre está presente nos cordéis. No caso do cordel citado, o eu lírico detalha com minuciosidade o trabalho realizado pelas mãos da mãe, quando, curiosamente, a filha observa os detalhes do bordado.

Seu trabalho artesanal
 Ela havia terminado
 Então queria mostrar
 Para mim, o resultado
 Foi tão imensa a surpresa
 Quando enxerguei a beleza
 De uma flor no seu bordado.
 [...]
 Eu cresci, vendo mainha
 Fazendo outros bordados
 Em todos os bastidores
 Embaixo, desmantelados
 Porém, na parte de cima,
 Verdadeira obra-prima
 Com amor, elaborados. (KAROLYNNE, S/A, p. 4)

Érica Maria Silva Montenegro de Mélo, mais conhecida como Érica Montenegro, é cordelista, escritora, contadora de histórias e faz mediação de leitura. Embaixadora da infância no Recife, em Pernambuco, é formada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia e mestra em Ciências da Linguagem. É formadora de Contadores de Histórias pela Encanto do Conto – Mediação de Leitura e Contação de Histórias. Possui cinco obras literárias desenvolvidas com aspectos lúdicos que envolvem cordel, ilustrações e histórias de superação.

Como cordelista, possui mais de quarenta títulos publicados, sendo vinte destinados à comercialização. Montenegro trabalha com qualquer tipo de temática, mas o que se destacam em seus cordéis são: biografias, tradições nordestinas, cordéis infantis e adaptações de histórias infantis tradicionais. Seus cordéis são variados, apresentam estrofes de 6, 4 ou 7 versos.

O cordel *Brinquedos & Brincadeiras* evidencia a preferência da cordelista por versos destinados às crianças:

A infância é um tempo
Muito lindo e passageiro
Tudo é fase, tudo vai
Não volta, nem por dinheiro
E por isso aproveite
Pois passa muito ligeiro

[...]

Pai e mãe, vovó, vovô
Tia, tio e vizinhos
Professores, por favor
Pensem nisso com carinho
Permitam que as crianças
Brinquem com seus amiguinhos

[...]

E agora, um desafio
Quero propor a vocês
Quero ver se adivinhas
Os brinquedos que, por vez
Se escondem nos versinhos
Que a gente, pra você fez. (MÉLO, 2019, p. 3)

Ao retratar sobre a infância, que é uma fase da vida humana, o eu lírico enfatiza a importância e a oportunidade do brincar. Dessa forma, o cordel narra, em cada página, um tipo de brincadeira, em forma de charada, o que incentiva a criança/leitor a descobrir e completar a lacuna, como observamos:

Antes feita de madeira
No início de sua história
Pesada para girar
Hoje se vê nela, glória
Mas tombos e desconfortos
Marcam sua trajetória

Hoje tem de todo jeito
Que pode se imaginar
Liga leve e com marchas
Pra vida facilitar
Freio rápido, pedais
Gire e saia do lugar

Desde pequeno a adulto
 Todo mundo um dia quis
 Subir nela e a liberdade
 Sentir nela e a liberdade
 Sentir bem no seu nariz
 Ela é a _____
 Brinquedo para ser feliz. (MÉLO, 2019, p. 8)

Assim como Anne Karolynne, Dalinha Catunda e Érica Montenegro, Ivonete Moraes é uma cordelista que escreve versos sobre diversas temáticas. Natural de Fortaleza, filha de Antônio André de Moraes e Maria Ivone Bezerra de Moraes, é formada em Sociologia e funcionária pública aposentada. A poetisa começou a escrever após concluir o curso “Iniciação e aperfeiçoamento em Literatura de Cordel”, ministrado pelo Mestre Zé Maria de Fortaleza. Ela também ministra palestras e é apresentadora do programa “De repente Nordeste”, na rádio Dom Bosco 96,1. Já escreveu dezenas de folhetos de temáticas relacionadas ao nordeste, como *História das mulheres no cangaço; A bodega; Brinquedos do sertão; Maria Bonita – a rainha do cangaço!*; entre outros. Escreveu folhetos que tratam de temáticas da infância, dentre os quais: *Criança é... brincadeiras de ontem e hoje; Brincadeiras, brinquedos e jogos infantis; Lendas e brincadeiras de criança em versos*; entre outros. Sobre a temática da mulher, escreveu *Mulher cordelista na arte de versejar; Mulheres empoderadas – conquistando seus espaços e seus direitos; Mulher: expressão de lutas e conquistas; Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito!*; *Salve o 08 de março!!! Dia internacional da mulher*. Acerca do Nordeste, compôs *Mestre Expedito Seleiro, o artesão da arte do couro do sertão cearense para o mundo*; entre outros. Podemos citar ainda poemas que tratam do folclore, da família, entre outras temáticas: *Folclore brasileiro; Família de A a Z numa abordagem sistêmica; Sou Mastectomizada. Perdi uma Mama para o Câncer, Mas Não Perdi a Fé e a Esperança; O brega e a sofrência – “dor de cotovelo”, “coração partido”, “carência”; Beleza poética em versos rimados*.

Cordelista há quase duas décadas, Ivonete Moraes compõe, declama, canta e dança seus poemas. Nas feiras, suas vestes coloridas e seu sorriso inconfundível chamam a atenção e encantam a todos. A poetisa se apresenta afirmando:

Sou Ivonete Moraes
 Cearense nordestina
 Sou singela cordelista
 E ao versejar me fascina
 Sou feliz ao declamar
 Para o público se alegrar
 Esta é a minha sina.

Dizem que sou cangaceira
 E a minha arma, a poesia,

Todo dia vem fluindo
 O amor, a paz, a harmonia
 Sou cordelista decente
 O senhor me deu boa mente
 Que só me traz grande alegria. (MORAIS, S/D)⁷

Ivonete é uma autora engajada na defesa dos direitos da mulher, como se pode ver em vários títulos de seus folhetos citados acima. No ABC, composto em septilhas, intitulado *Mulher: expressão de lutas e conquistas*, por exemplo, a autora fala das lutas e da força da mulher para superar o preconceito e a opressão numa sociedade historicamente patriarcal:

Cidadania plena tem
 Sua real expressão
 Nos seus grandes movimentos
 Pela emancipação
 Ativistas militantes
 Com as lutas incessantes
 Na igualdade de ação.

[...]

Feministas, femininas
 Combativas, vaidosas
 Superando as barreiras
 Muitas delas espinhosas
 Fazendo o que sempre quis
 Sem medo de ser feliz
 Com suas vidas honrosas.

Garantindo seu espaço
 Veio a superação
 Entraram na vida pública
 Sentiram a transformação
 Assumiram o poder
 Disputando para vencer
 Na hora da eleição. (MORAIS, 2011, p. 02-03)

Como se pode ver nos versos acima, o ABC de Ivonete retoma os movimentos de lutas das mulheres, a passagem de sua condição de “do lar” para ativista militante pelo direito de igualdade. Na superação de “barreiras espinhosas”, as mulheres, de acordo com os versos, seguem “femininas e vaidosas” e conseguem entrar na vida pública, sendo eleitas para cargos políticos dantes relegados apenas aos homens. A última estrofe do poema retoma sua perseverança e sua dignidade:

Zelando por suas vidas
 Com sua humildade
 A mulher é uma águia
 Que voa na realidade
 Superando qualquer medo

⁷ Poema recitado em entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_pauqsuDyuQ

E o seu maior segredo
É viver com dignidade. (MORAIS, 2011, p. 10)

Acerca de temas relacionados ao sertão, podemos citar, além de *A bodega*, e *Brinquedos do sertão*, já referidos acima, *Jumento – um animal de grande valor*; *Vaqueiro sertanejo – herói do nordeste brasileiro*; *Rapadura – um doce que adocica nossa vida*, todos escritos em parceria com Luiz Esperantivo; e *A Dondoca e a matuta*, em parceria com Josenir Lacerda. No folheto *A Bodega*, por exemplo, Ivonete Moraes descreve a função desse empreendimento comercial muito comum no nordeste brasileiro, especifica os termos sinônimos, e as funções da Bodega no Nordeste:

A **Bodega** no Nordeste
Tem a função social
E também a econômica
É comércio original
Que mantém consumidor
Freguês de grande valor
Com produto natural. (MORAIS, 2019, p. 02. Grifo da autora).

[...]
A **Bodega** significa:
Taberna ou **armazém**
Origem no espanhol
Tem de tudo o que convém
Seja: **Budega** ou **Bodega**
Mercearia e não **adega**
E é **Quitanda** também. (MORAIS, 2019, p. 03. Grifos da autora)

A requintada escolha de termos, a diversidade temática e de gêneros mostram que a autora conhece bem a materialidade do gênero, apresentando versos, estrofes, rimas e metrificação perfeitos.

Considerações finais

O cordel de autoria feminina é enriquecedor por trazer uma linguagem e experiência estética cheio de temáticas atuais da nossa sociedade. A partir desta pesquisa bibliográfica sobre a escrita de mulheres cordelistas, é possível afirmar que o apagamento das mulheres na história da escrita, que perdurou durante muitos séculos, ainda precisa ser combatido. Inserir os nomes de mulheres como Maria da Neves, Dalinha Catunda, Ivonete Moraes, Salete Maria e todas as outras aqui citadas e não citadas nesta pesquisa não é apenas resgate ao direito de espaço que deve ser dado às mulheres cordelistas, mas também permitir que leitores e novos pesquisadores tenham o direito de conhecer e de desfrutar da arte do cordel composta e declamada por mulheres e homens.

FEMALE WRITING IN CORDEL LITERATURA – BREAKING BARRIERS

Abstract: This article presents bibliographical research about cordel written by women. The article takes up the history of the Brazilian cordel and the presence/absence of women in the history of booklets production. Aiming to rescue the place of female writing in cordel, we highlight some names of cordel women not mentioned by history or by critics for many decades. And we present some examples of booklets written by contemporaries' poets. Therefore, we seek support from authors such as Zumthor (2018), Santos (2009), Silva (2009), Queiroz (2006), Luyten (1992), Bergson (1999), Luna e Silva (2010), Cascudo (1984), between others. The results of bibliographic readings and analysis of booklets by Dalinha Catunda, Ivonete Moraes, Anne Karolynne, Santos de Negreiros and Érica Montenegro show that women participated in most moments in the history of Brazilian cordel and that they have a peculiar writing experience sensitivity, dealing with themes related to everyday life, history, popular culture, social and historical struggles, among others.

Keywords: Cordel literature. Female writing. Cordel women.

Referências

BERGSON, H. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito: Tradução de Paulo Neves, 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CATUNDA, D. (s.d.). **As herdeiras de Maria**. Rio de Janeiro: HB, 2017.

CASCUDO, L. da C. **Literatura oral no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

GERALDO, E. **Entrevista concedida a Margarida da Silveira Corsi**. Maringá/Alto Santo, 24 de janeiro de 2018.

KAROLYNNE, A. **O bordado**. Paraíba, s/a, 2012. disponível em: <https://cordelando389.blogspot.com/2012/02/o-bordado.html>

LUNA E SILVA, V. L. de. Primórdios da Literatura de Cordel no Brasil – Um Folheto de 1865. **Graphos**. João Pessoa, Vol. 12, N. 2, Dez./2010 – ISSN 1516-1536, p.74-80.

LUYTEN, J. M. **O que é Literatura popular**. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MAIOR, M. S. **Introdução**. In: ATHAYDE, J. M. de. São Paulo: Hedra, 2001.

MAXADO, F. **Cordel**: Xilogravura e ilustrações. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1982.

MÉLO, É. M. **Brinquedos & brincadeiras**. Recife, 2019.

MORAIS, I. **Mulher**: expressão de lutas e conquistas. Fortaleza: Tupynanquim editora, 2011.

_____. **A Bodega**. Capa de Klévisson Viana. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.

QUEIROZ, D. A. de. **Mulheres Cordelistas** – Percepções do universo feminino na Literatura de Cordel. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. Dissertação de mestrado. 121p.

SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**: memória da literatura. São Paulo, 2008.

SANTOS, L. A. A.; MARINHO, A. C. Narrativas culturais da Literatura de Cordel brasileira. **Cultura & Tradução**. João Pessoa, v.1, n.1, 2011, p. 01-09.

SANTOS, F. P. dos (2009). **Novas cartografias do cordel e da cantoria**: desterritorialização do gênero nas poéticas das vozes. Tese de Doutorado em Letras. João Pessoa: UFPB/Pós-Graduação em Letras. 313 p.

SILVA, C. S. A literatura popular: silêncios e murmúrios na história da literatura brasileira. **Letrônica**, Porto Alegre v.2, n.2, dezembro 2009, p. 233-248.

TAVARES, B. **Contando histórias em verso**: poesia e Romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 2005. 160p.

ZUMTHOR, P. **Performance, Recepção, Leitura**. (1990). Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: UBU Editora, 2018.